

DISCURSO E POLÍTICA: A CONSTRUÇÃO DO *ÉTHOS* DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE) NA ATUALIDADE

Valdirécia de Rezende Taveira¹
Gláucia Muniz Proença Lara²

RESUMO: Considerando que o movimento estudantil brasileiro teve participação ativa nas transformações políticas e sociais mais relevantes do país, pretendemos, neste trabalho, apreender o *éthos* da UNE que se constrói no/pelo seu discurso atual. Para tanto, analisaremos dois textos postados no *site* da entidade em 2011, à luz da Análise do Discurso Francesa (AD), privilegiando a Semântica Global, de D. Maingueneau. Por meio dos planos que a integram, buscaremos chegar à imagem que o enunciador (coletivo) UNE dá de si mesmo ao enunciatário, imagem essa que busca resgatar, via memória discursiva, o *éthos* prévio de uma entidade engajada e atuante, sobretudo na época da ditadura militar. Lembramos que, se os planos da Semântica Global revelam “escolhas” do enunciador (contribuindo para desvelar o seu *éthos*), essas “escolhas” são condicionadas pela(s) formação(ões) discursiva(s) de onde ele fala. De modo geral, constatamos dois *éthe* principais: um *éthos* “cidadão” e outro, mais evidente, que denominamos “revolucionário”.

Palavras-chave: Discurso; UNE; *Éthos*.

DISCOURSE, RHETORIC AND POLITICS: THE ETHOS CONSTRUCTION OF NATIONAL UNION OF STUDENTS (UNE) NOWADAYS

Abstract: Considering that the Brazilian students’ movement had active participation in the major political and social changes in the country, we intend, in this paper, to apprehend the *éthos* of UNE built in/by their current discourse. We will analyze two texts posted on the website of the entity, in 2011, in the light of French Discourse Analysis (AD), privileging the global semantics proposed by D. Maingueneau. Through its integrated plans, we will seek to “grasp” the (self) image that the enunciator UNE gives to the receiver, an image which intends to retrieve, through discursive memory, the previous *éthos* of an engaged and active organization, especially during the period of the military dictatorship. We remember that, if the plans of the so-called global semantics reveal “choices” of the enunciator (contributing to unveil his/her *éthos*), these “choices” are constrained by the discursive(s) formation(s) from where he/she speaks. In general, we found two main *éthe*: a “citizen” *éthos* and a more evident one, which we called “revolutionary” *éthos*.

Keywords: Discourse; UNE; *Éthos*.

¹Possui graduação em Letras (2007) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Atualmente é doutoranda do Programa de Estudos Linguísticos, com ênfase em estudos textuais e discursivos, pela mesma universidade.

²Possui graduação em Letras - Português/Inglês pela UFMG (1978), mestrado em Letras - Língua Portuguesa também pela UFMG (1993) e doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela USP (1999), com estágio de um ano na Université Paris X – Nanterre. Atualmente, é professora (nível Associado II) da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação na área de Língua Portuguesa (Estudos Textuais e Discursivos), com ênfase nos seguintes temas: discurso de manuais didáticos, gêneros do discurso, ensino de leitura e produção de textos, discursos das minorias.

Introdução

O movimento estudantil brasileiro cumpriu (e cumpre) um importante papel na sociedade. Os estudantes tiveram participação determinante em momentos cruciais da nossa história, contribuindo para transformações na vida político-social do país. Paralelamente, o movimento estudantil – diretamente ligado à juventude, como afirma Machado (2007) –, da mesma forma que os demais movimentos de cunho social, modificam-se de acordo com as transformações por que passa a sociedade. Trata-se, pois, de um processo de mão dupla, que vai do movimento estudantil à sociedade e desta àquele.

A participação dos estudantes na sociedade brasileira trouxe, através de seus movimentos, diversos assuntos para debate no cenário nacional, desde assuntos de ordem econômica e política, como a luta pela nacionalização do petróleo (1958) e a oposição à ditadura militar (1964-1985), a assuntos de cunho social e mais ligados à educação, como os recentes debates sobre o REUNI – plano do governo para expansão e reestruturação das universidades federais – e o PROUNI – plano do governo de apoio a estudantes de baixa renda em universidades privadas. Essa participação resulta, em última análise, das tensões existentes na sociedade em diferentes momentos da história.

Assim, dada a importância da atuação do movimento estudantil no cenário brasileiro e das transformações pelas quais passou e tem passado em função das mudanças da própria sociedade, ele (o movimento estudantil) torna-se um “objeto” relevante de análise para áreas como a História, a Sociologia e, para os fins que nos interessam aqui, a Análise do Discurso Francesa. Nessa perspectiva, é nosso objetivo examinar a imagem discursiva (o *éthos*) do movimento estudantil brasileiro na atualidade. Para tanto, tomaremos o discurso de sua representante maior: a União Nacional dos Estudantes (UNE), veiculado no *site* da entidade em 2011, e o analisaremos à luz da Análise do Discurso Francesa (AD), mais especificamente, das contribuições de Dominique Maingueneau (1989, 2008), sem perder de vista outros pesquisadores/aportes teóricos que com ela dialogam.

O *éthos* na Análise do Discurso

À primeira vista, a definição de *éthos* parece simples: trata-se da imagem de si que o locutor constrói no/pelo discurso, visando obter a adesão de seus destinatários (AMOSSY, 2005). Logo, todo discurso carrega consigo uma imagem do locutor (um *éthos*) que pode ser

recuperado por meio das “marcas” linguístico-discursivas da enunciação deixadas por ele no texto-enunciado.

Oriunda da retórica aristotélica, a noção de *éthos* passa a integrar os trabalhos de Maingueneau na década de 1980. Nesse sentido, o autor pontua que, para que a Análise do Discurso (AD) trabalhe com essa noção, é preciso propor dois deslocamentos em relação ao termo. Primeiro, afastar a questão subjetiva do *éthos*. Enquanto na retórica os efeitos são impostos pelo sujeito, enquanto ser social (e psicológico), para a AD, os efeitos que constituem um determinado *éthos* são impostos pela formação discursiva. Segundo, deve-se “recorrer a uma concepção do *éthos* que seja transversal à oposição entre oral e escrito. (...) Embora o texto seja escrito, ele é sustentado por uma voz específica. Uma voz associada ao discurso.” (MAINGUENEAU, 1989, p.46).

Na opinião de Fiorin (2004, p.125), para encontrar as materialidades discursivas que permitam a (re)construção do *éthos*, deve-se procurar “recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto” (o que remete às “marcas” linguístico-discursivas de que falamos no início desta seção). Desse modo, concordando com a posição de Fiorin, a fim de realizar a análise dos textos selecionados e chegar ao *éthos* daquele que enuncia como União Nacional dos Estudantes (UNE), buscaremos apoio na Semântica Global de Maingueneau (2008), que propõe a apreensão dos vários “planos” que compõem o discurso de forma integrada. Entre os planos discursivos evocados pelo autor, elegemos, para este trabalho, os seguintes: vocabulário, temas, dêixis enunciativa, estatuto do enunciador e do destinatário e modo de enunciação, elementos que consideramos mais relevantes para atingir nosso objetivo maior: a apreensão do *éthos* do enunciador (coletivo) UNE.

Para Maingueneau (2008, p. 85), o vocabulário constitui um item importante de análise para a apreensão do sentido global do texto. Isso porque as unidades lexicais, além de seu estrito valor semântico, tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento: entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo. Já em relação ao tema, o autor o define como “aquilo de que o discurso trata” (MAINGUENEAU, 2008, p. 81). Afirma ainda que não há, para a AD, grande interesse em hierarquizar os temas; o importante, no seu entender, é verificar o seu tratamento semântico. Há temas que são impostos pelo campo discursivo e outros que são específicos a um dado discurso.

A dêixis enunciativa, por sua vez, refere-se à instauração de uma instância espaço-temporal no/pelo discurso. Define-se, assim, “uma instância de enunciação legítima”, delimitando-se “a cena e a cronologia que o discurso constrói para autorizar sua enunciação”

(MAINGUENEAU, 2008, p. 89). É preciso considerar ainda que “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve conferir-se e o que deve conferir ao seu destinatário para legitimar o seu dizer” (MAINGUENEAU, 2008, p. 89; grifo do autor). Finalmente, quanto ao modo de enunciação, plano mais ligado à noção de *éthos*, Maingueneau (2008, pp. 90-94) assume que, mesmo o texto escrito possui uma “voz” própria, uma “maneira de dizer” que remete a uma “maneira de ser” (MAINGUENEAU, 2008, pp. 90-94).

Em suma: tomar a palavra e proferir um discurso implica a construção de uma imagem de si, de uma imagem discursiva com “força” suficiente para legitimar o próprio discurso que é construído. Cabe ressaltar, porém, que, se os planos discursivos da Semântica Global revelam “escolhas” do enunciador (contribuindo, assim, para desvelar o seu *éthos*), essas “escolhas” são condicionadas por sua inscrição em dada formação discursiva (FD). Ou seja, o enunciador não diz o que quer, como quer; diz aquilo que pode/deve ser dito a partir do “lugar enunciativo” que ocupa numa dada FD.

A noção de FD pode ser entendida, *grosso modo*, como um “posicionamento”, numa dada conjuntura e em determinado momento, que deriva de uma formação ideológica (FI). Nessa perspectiva, “as formações ideológicas incluem uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura dada”, como diz Maingueneau (1989, p. 68; grifo do original), inspirado em Pêcheux. O *éthos*, nessa abordagem, é concebido como “uma das dimensões da formação discursiva” (MAINGUENEAU, 1989, p.46). Assim, para apreender o *éthos* do enunciador, é preciso observar em que FD(s) ele se inscreve e, portanto, que valores, que ideias, que (pre)conceitos, que visão de mundo (ou formação ideológica), enfim, ele assume ao construir seu discurso.

Para o presente trabalho, selecionamos dois textos, retirados de um *corpus* mais amplo (ver TAVEIRA, 2013), que foram publicados na seção *Notícias* do *site* da União Nacional dos Estudantes (www.une.org.br) em 2011, visto que nosso objetivo é trabalhar com textos mais recentes que nos permitam conhecer o discurso e a imagem da UNE nos dias atuais. Os textos analisados serão os seguintes: “Nota da UNE em apoio à greve das classes trabalhadoras”, publicado em 6 de outubro de 2011, e “Manifesto: #ocupebrasil”, publicado em 6 de dezembro de 2011.

O *éthos* da UNE: uma instituição cidadã e revolucionária

O texto intitulado “Nota da UNE em apoio à greve das classes trabalhadoras”³ refere-se à greve de várias classes trabalhadoras ocorrida em 2011, ano marcado por esse tipo de movimento reivindicatório. Já o “Manifesto: #ocupebrasil”⁴ foi publicado pela entidade no intuito de organizar um movimento inspirado em movimentos internacionais, como o *Ocupe Wall Street*, para reivindicar mais investimentos na educação.

Iniciando nossa análise da nota de apoio às greves pelos temas, um dos planos da Semântica Global, podemos dizer, num primeiro momento, que o tema maior – a greve de algumas classes trabalhadoras – traz em seu bojo outros temas, como o do exercício da cidadania, o do desenvolvimento nacional e o da justiça social, que se associam a diferentes *éthe*: o perspicaz, o racional, o engajado e o cidadão, entre outros, como discutiremos a seguir.

Assim, o tema da greve é tratado pelo enunciador a partir de uma visão mais ampla, o que mostra um *éthos* perspicaz. Nesse ponto, reafirmamos com Maingueneau (2008, p.81) que o importante não é o tema em si, mas a forma como ele é tratado no texto. Ao apoiar as classes trabalhadoras grevistas, o enunciador ressalta que esses segmentos integram setores estratégicos da nação. Não se trata, pois, de greves sem importância, mas de movimentos que merecem a atenção e o respeito da sociedade pelos efeitos positivos (futuros) que podem trazer a todos os seus integrantes. Isso pode ser comprovado quando se diz, por exemplo, que os grevistas “demonstram seu grande e louvável comprometimento com o futuro do Brasil”. Ou seja, a greve é uma questão maior, uma questão social que tem importância para o futuro do país, o que está relacionado ao tema do desenvolvimento nacional. A ideia é a de que a greve está nas ruas hoje para construir o Brasil de amanhã.

Outros elementos do texto em foco permitem apreender outros *éthe* de certa forma ligados ao anterior (o *éthos* perspicaz). Veja-se que a associação da greve ao comprometimento dos grevistas com um país mais justo e com o futuro do país pressupõe que o Brasil é um país não desenvolvido – ou pouco desenvolvido –, pressuposto esse desencadeado pelo trecho “ [nação continental] que precisa e deseja desenvolver-se”. Nesse ponto, percebemos também o tema da necessidade de desenvolvimento nacional, haja vista a

³ Disponível em: <<http://www.une.org.br/2011/10/nota-da-une-em-apoio-as-greves-da-classe-trabalhadora/>>. Acesso em: 25/04/2012.

⁴ Disponível: <http://www.une.org.br/2011/12/manifesto-ocupebrasil/>. Acesso em: 01/03/2012.

presença de expressões/excertos, como “futuro do Brasil”, “construir, nos dias de hoje, o Brasil de amanhã” e do já citado “nação continental que precisa e deseja desenvolver-se”.

Ao apresentar argumentos para justificar seu apoio aos grevistas, o enunciador soma ao *éthos* perspicaz um outro *éthos*: o racional, já que ele é capaz de ver a greve além do que ela parece à primeira vista, analisando-a numa perspectiva não só mais ampla, mas também, ao que parece, mais objetiva. A greve torna-se, assim, um meio cujo fim é o desenvolvimento nacional e a justiça social, o que reforça o duplo *éthos* perspicaz/racional.

Destacamos, ainda no âmbito dos temas, o do exercício da cidadania que aparece em dois momentos: primeiro pela afirmação de que os grevistas estão “exercendo seus direitos” e, segundo, pela explicação de que os movimentos de greve são garantidos por lei. Assim, exercer direitos é ser cidadão, havendo, dessa forma, razões para se apoiar a greve, o que colabora para a construção do *éthos* indicado.

Observados os temas mobilizados no texto em análise, podemos passar para outro componente da Semântica Global: o estatuto do enunciador e do destinatário, que pode ser observado pelos saberes que o enunciador evoca em seu discurso como forma de legitimar o seu dizer e de relacioná-lo ao seu destinatário (MAINGUENEAU, 2008, p. 87). Os dados observados na nota da UNE de apoio às classes em greve apontam para um discurso crítico da brasilidade, que toma o país como marcado historicamente por mazelas sociais. O enunciador retrata o Brasil como um país atrasado e injusto do ponto de vista social. Dessa forma, o estatuto do enunciador aponta para um *éthos* crítico em relação à realidade brasileira, instaurando, implicitamente, um destinatário capaz de concordar com essa visão.

Cumpramos agora o vocabulário. As escolhas lexicais no texto em foco permitem-nos perceber um sutil combate da UNE a um possível *éthos* prévio negativo. Ao falar da ação grevista, o enunciador utiliza palavras, como “comprometimento” e “compromisso”, que mostram a greve como uma forma de engajamento não por interesses classistas, mas por um país melhor, como vimos. Além disso, o apoio da UNE aos setores em greve é “irrestrito”, pleno: ela simpatiza e se solidariza com os grevistas. Essas escolhas lexicais (“apoio irrestrito”, “solidariza-se”), somadas ao já apontado compromisso/comprometimento, permitem, assim, que a entidade representativa dos estudantes se identifique com os movimentos grevistas. Nesse sentido, se a UNE procura mostrar a greve como algo positivo para o desenvolvimento nacional, como algo que se processa de forma organizada (pois “a sociedade é organizada”), subentende-se que o movimento estudantil também possui essa característica, o que se oporia à imagem de um

movimento liderado por gente “à toa”, por baderneiros (*éthos* prévio, que circula em alguns setores da sociedade).

Essa identificação da UNE com os movimentos grevistas mostra que não somente estes estão comprometidos com o futuro do Brasil, mas também que a própria UNE está. Isso a associa, de forma inequívoca, aos *éthe* de benevolência, de comprometimento etc, mas também a um *éthos* progressista, desenvolvimentista. Vale ressaltar que não se trata de um desenvolvimento necessariamente tecnológico, uma vez que, na visão do enunciador, o desenvolvimento e o progresso são entendidos como melhorias para todos e justiça social.

Assim, percebemos que o enunciador, de modo geral, se mostra racional e perspicaz em suas colocações, mas também comprometido com o futuro do país e crítico em relação à nossa realidade histórica. A imagem de racionalidade, associada ao *éthos* progressista e desenvolvimentista, constrói o que poderíamos chamar de *éthos* cidadão, tomando-se cidadania em sentido amplo, ou seja, como a possibilidade de os habitantes de um país alcançar, via desenvolvimento, a promoção da dignidade social e econômica para todos, o que mobiliza, portanto, os já mencionados temas da justiça social e do desenvolvimento nacional.

É, em linhas gerais, a imagem discursiva de cidadão que vai sendo cuidadosamente construída no texto analisado: a UNE legitima e justifica seu apoio às greves dos trabalhadores, criando para si a imagem de um sujeito (ou no caso de uma entidade) comprometida com a busca de desenvolvimento nacional, mas com dignidade social, com melhores condições de trabalho para os servidores e serviços mais eficientes para a população em geral.

O modo de enunciação, que, em trabalhos posteriores, Maingueneau associará, mais claramente, ao *éthos* (ver, por exemplo, MAINGUENEAU, 1989; 2001) revela, assim, um tom moderado e sóbrio que perpassa os vários *éthe* construídos por um enunciador-cidadão, (pre)ocupado com as mazelas sociais do país e que vê, de forma mais ampla, numa situação que pontualmente poderia trazer prejuízos à população – uma greve –, algo positivo e benéfico para todos, ainda que seja a mais longo prazo.

Passando à análise do manifesto que convoca a população a ocupar a capital federal, vemos, inicialmente, que o texto apresenta um tom poético, que poderia nos levar a um *éthos* romântico. Entretanto, percebemos, predominantemente, a construção do que poderíamos chamar de *éthos* revolucionário (como explicaremos mais adiante). O próprio gênero escolhido – manifesto – propicia essa interpretação.

Para comprovar essas afirmações, vamos nos ater, num primeiro momento, a elementos do plano do vocabulário. Observamos que há, no texto, escolhas lexicais – praça,

gramado e monumento – que remetem a espaços públicos como locais ideais para movimentos e reivindicações. Isso cria, portanto, uma atmosfera de revolução, o que é, de certa maneira, reforçado por um modo de enunciação específico, em que períodos curtos se articulam, no primeiro parágrafo do texto, para simular o movimento ou o dinamismo próprio das revoluções.

O tom poético, assumido inicialmente pelo enunciador que, como foi dito, poderia apontar para um *éthos* romântico, está, ao que tudo indica, mais relacionado a um *éthos* idealista: o de quem crê em mudanças profundas na sociedade por meio da revolução, sobretudo pela atuação da juventude. Veja-se que as escolhas lexicais permitem-nos perceber esse “jogo” de tons, pois, o chamado “retumba” nos corações, mostrando o quanto as manifestações e o desejo de mudança têm apelo para a juventude. Há ainda o emprego da expressão “pólen puro e generoso”, que, sinônimo de fertilização, refere-se à juventude que ajuda a espalhar, disseminar os ideais revolucionários, isto é, a “multiplicar as flores”.

Em outros trechos, percebemos igualmente importantes escolhas lexicais. Expressões como “tirania esclarecida”, “falsos sorrisos” e “notas de dinheiro” são empregadas para indicar que se trata, em linhas gerais, de um manifesto contra o capitalismo. Esse sistema econômico é, de forma expressiva, designado como “algo velho e corrompido” que “declina”, o que podemos associar a uma FD de esquerda⁵. Temos ainda a escolha da palavra “insurgência”, que, nesse contexto, nos leva a um *éthos* de coragem e inconformismo, mas, ao mesmo tempo, idealismo, integridade, características próprias de quem não se deixa corromper pela lógica do dinheiro, o que é corroborado pelo tom poético com o que o texto se inicia.

Os dados relativos às escolhas lexicais, que configuram um *éthos* revolucionário, também remetem à dêixis enunciativa que legitima o discurso em análise. Esses dados nos permitem observar como contexto da enunciação um tempo e um espaço de pré-revolução, um momento propício para que a revolução aconteça. Ao falar em espaços públicos (praças, monumentos) que convidam à mudança, em “pólen” que está “pronto para multiplicar as flores”, em “algo velho e corrompido que declina”, como apontamos acima, o discurso constrói um tempo e um espaço de revolução iminente, da qual se é convidado a participar.

⁵ Por discurso de esquerda entendemos aquele que tem, entre suas características, posicionar-se contra a desigualdade social e a hierarquização da sociedade, bem como preocupar-se com o exercício da cidadania em igualdade de condições entre os indivíduos. Conforme afirma Bobbio (1995), o ideal de igualdade é o critério mais usado para distinguir direita de esquerda. Não nos alongaremos nas discussões acerca dessa questão, uma vez que ela extrapola os objetivos mais imediatos deste trabalho.

Essa revolução iminente é construída ainda pela referência a movimentos ou manifestações de contestação ocorridos(as) recentemente no mundo (como é o caso da Primavera Árabe). Com isso, podemos afirmar que a manifestação proposta pelo enunciador/UNE relaciona-se aos acontecimentos evocados, visto que pode provocar mudanças em diversas áreas, o que nos remete aos temas explorados no texto. Nesse quadro, o tema maior da contestação popular é posto em relação com o tema da desigualdade social, apresentado no contexto de políticas públicas, mais especificamente, no que concerne à educação pública no Brasil. Para o enunciador, a aprovação do PNE (Plano Nacional de Educação), mais do que apenas alterações no sistema educacional brasileiro, implica mudanças nas áreas política, econômica e social. Significa, entre outras coisas, “mexer” na própria estrutura da sociedade (uma forma de revolução), com a consequente diminuição da desigualdade social, o que reforça uma posição anticapitalista.

A exemplo do que ocorre no texto de apoio às greves de classes trabalhadoras, no “Manifesto #ocupebrasil” podemos depreender a imagem de um enunciador preocupado e comprometido com a justiça social, com uma sociedade que ofereça oportunidades acessíveis a todos, ou seja, um *éthos* cidadão. Neste ponto, faz-se importante ressaltar o modo de enunciação. Já afirmamos que o discurso da UNE começa com um tom poético que se relaciona a um *éthos* idealista e, em última análise, a um *éthos* revolucionário, visto que, como já foi explicado, o ideal do enunciador passa por uma revolução, entendida como uma reforma profunda do/no país.

Entretanto, no momento em que o *éthos* cidadão se faz presente, observamos uma mudança de tom. O modo de enunciação agora se apresenta mais objetivo e assertivo, perdendo os efeitos iniciais de idealismo. Isso pode ser percebido em algumas passagens, como no trecho em que o enunciador fala em “dar exemplo”, apontando claramente em que esferas esse exemplo deve ser dado: econômica, política (democracia) e social (participação popular, solidariedade). Além disso, o *éthos* indicado se mostra pela forma como o enunciador projeta o movimento estudantil: como um movimento preocupado não apenas com questões sociais maiores, mas também com políticas de transporte, cultura, saúde, esporte e comunicação, voltadas, mais especificamente, para o público estudantil.

Com isso, o enunciador-UNE cria uma imagem de comprometimento com o desenvolvimento do país e com o acesso da população a serviços e direitos, entre eles, de forma privilegiada, à educação. Não se trata, então, como já observamos, de um desenvolvimento necessariamente tecnológico, uma vez que, na visão do enunciador, o desenvolvimento e o progresso são entendidos como melhorias para todos e justiça

social. Vale lembrar que essa relação entre desenvolvimento e justiça social, que nos revela, sobretudo, uma entidade cidadã, também foi encontrada no texto de apoio às greves, evidenciando, pois, essa imagem discursiva nos textos analisados.

Em suma, o texto analisado apresenta um *éthos* predominantemente revolucionário, que chama o povo (sobretudo, a juventude) às ruas para se manifestar, para reivindicar, projetando, com isso, a imagem de um movimento estudantil vivo e atuante, exatamente como ocorreu no período da ditadura militar no Brasil. Além disso, o enunciador, ao se referir às diferentes manifestações por mudanças que se espalham pelo mundo, especialmente aquelas relacionadas a movimentos populares, cria uma dêixis enunciativa que remete a um momento oportuno para que mudanças (a revolução) aconteçam, reforçando, assim, o *éthos* revolucionário. Isso se concretiza como manifestações de pressão popular sobre as autoridades por melhores políticas públicas, o que nos remete ao *éthos* cidadão, ainda que menos evidente. A revolução proposta, nesse sentido, é uma participação ativa dentro da lógica democrática, o que explica os *éthe* construídos.

Considerações finais

Na análise dos textos selecionados, constatamos basicamente a ocorrência de dois *éthe* (que subsumem outros mais específicos): um *éthos* que chamamos de cidadão e outro, que denominamos revolucionário. *Esses éthe* projetam um enunciador preocupado com o futuro do país, com o exercício de direitos legalmente constituídos, com a existência de cidadãos que vivam com dignidade econômica e social, mas, sobretudo, procuram mostrar uma entidade atuante, engajada, corajosa, em busca de mudanças na sociedade. A combinação desses dois *éthe* indica, pois, uma instituição que atua em prol de avanços sociais, mas respeitando a ordem democrática. Do ponto de vista do *éthos*, podemos dizer que a UNE se coloca como uma instituição atuante e engajada, preocupada com a sociedade como um todo, buscando, assim, resgatar um *éthos* prévio de um passado não muito remoto (época da ditadura militar, que coincidiu com o auge da organização e da atuação do movimento estudantil no país).

Observamos ainda que o discurso da UNE, de forma geral, filia-se a uma formação discursiva (e ideológica) de esquerda. Esta, como afirmamos anteriormente (vide nota 3), deve ser entendida como aquela que defende primordialmente a igualdade (ausência de classes/grupos detentores de privilégios), propondo alternativas e ações que levem a uma transformação profunda na atual e desigual sociedade em que vivemos. Tal filiação legítima,

ao mesmo tempo, o papel social da UNE, que, nesse contexto, se coloca como agente e fomentador de ações que visem a tal transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOBBIO, N. *Direita e esquerda: Razões e significados de uma distinção política*. Trad. M. A. Nogueira. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.
- FIORIN, José Luiz. O *éthos* do enunciador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (orgs.). *Razões e sensibilidades: A semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. pp.117-138.
- MACHADO, Otávio Luiz et al. Análise do Discurso do Novo Movimento Estudantil. In: ZAIDAN FILHO, Michel; MACHADO, Otávio Luiz (orgs). *Movimento estudantil brasileiro e a educação superior*. Recife: Editora UFPE, 2007. pp. 175-190.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2008.
- TAVEIRA, Valdírcia de Rezende. *Conhecendo o discurso da UNE nos dias atuais: o éthos em foco*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.